

ESTUDO DO GÊNERO CARTA DE LEITORES EM JORNAIS

Margaret de Lourdes Volponi ¹

Eliana Alves Greco ²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo no âmbito do cotidiano escolar, que foca os gêneros textuais na sala de aula, o qual favorece a aprendizagem da escuta, leitura e produção de textos diversos. Propuseram-se atividades que abordaram o gênero carta de leitor, visando uma prática pedagógica eficaz, comprometida com a formação de leitores/produtores de textos críticos, conscientes da realidade que os circundam. Assim, ampliou-se a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala, da escrita, da leitura e da produção de texto. Para a consecução do trabalho, estiveram envolvidos alunos da 2ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Rodrigues Alves, localizado na cidade de Maringá-PR. A seqüência didática aplicada ressalta a importância do incentivo à leitura e à escrita, além de mostrar a necessidade de se manter contato com jornais. Ao trabalhar com o gênero carta de leitores em jornais, o educando tem a oportunidade de analisar, comparar e discutir os diferentes gêneros textuais, percebendo sua função social e seus propósitos comunicativos, para, em seguida, escrever cartas de leitores para o jornal. Os resultados mostraram que o conhecimento das categorias textuais e discursivas é fundamental no ensino/aprendizagem da língua, pois, muitas vezes, as dificuldades de leitura e/ou produção escrita advêm do desconhecimento da composição textual.

Palavras-chave: Leitura. Produção textual. Carta de leitor. Jornal.

ABSTRACT: This article aims to present a study as part of daily life at school, which focuses on textual gender in the classroom, which promotes the learning of listening, reading and production of different texts. Activities that were proposed broached the gender reader letter, aiming an effective pedagogical practice, committed to the training of readers/producers of critical texts, aware of the reality that surrounds them. Thus, increased the competence of the student to the exercise fully, more fluent and interesting of speech, of writing, of reading and production of text. In order to achieve the work, the students from 2nd grade of high school, of Rodrigues Alves, College, Maringá-PR, were involved. The didactics sequence applied emphasizes the reading and writing importance, and shows the need to maintain contact with newspapers. When working with the gender reader letter in the newspaper, the student has the opportunity to analyze, compare and discuss the different textual gender realizing, perceiving their social function and their communicative purposes, and then write letters readers the newspaper. The results showed that knowledge of textual discursive categories is essential in the teaching / learning of language because, often, the in reading difficulties and / or written production comes from the lack of textual composition.

Key words: Reading. Textual production. Letter from reader. Newspaper.

¹ Professora da Rede Estadual de Ensino – PDE – e-mail: megvol@hotmail.com

² Professora Orientadora IES – UEM – e-mail: elianagreco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Currículo Básico do Estado do Paraná, apresentado aos professores em 1988, bem como os Parâmetros Curriculares, que surgiram no final da década de 90, instigaram o trabalho com a produção de texto. As atividades de todas as áreas de ensino passaram a exigir como princípio básico de educação esse trabalho. As áreas que mais se comprometeram foram as de Ciências Humanas, em especial, a de Língua Portuguesa.

Entretanto, o objetivo não foi fácil de ser atingido. Primeiro, porque as universidades formavam cidadãos para trabalharem com conteúdos estanques sem a preocupação de construir um conhecimento circular. Depois, porque os trabalhos a serem desenvolvidos não eram acessíveis ao educador. A Linguística passou a investir em diferentes formas de analisar a linguagem oral, e a escrita passou a ser analisada pelo dito e pelo não dito, pelo inferido, pelo código, pela cor, pela sonoridade, pela imagem. Houve também um avanço significativo no campo da linguagem oral.

Assim, surgiram outras dificuldades para com o trato da linguagem. As diferentes correntes de trabalho se multiplicaram, e a academia passou a pesquisar essas dificuldades. Surgiram preocupações com a leitura, com a produção textual, com a normatização da língua, com os diferentes discursos e seus gêneros.

Deste modo, a indicação do gênero carta de leitor como norteadora da seqüência didática aplicada em sala de aula e relatada neste artigo científico, justifica-se para a prática de leitura e produção de textos orais e escritos. Portanto, visa a abertura de perspectivas para o tratamento da linguagem como ação social, fazendo com que se ampliem os conhecimentos a partir do trabalho com esse gênero discursivo, na medida em que se busca desenvolver com os alunos práticas sociointeracionais, mediadas pela linguagem (seja oral, seja escrita), que vão instrumentalizá-los para os usos efetivos de linguagem no seu meio social.

Este artigo apresenta as contribuições oriundas do incentivo à leitura e à escrita, possibilitando aos alunos contato com jornais. A partir de temas selecionados, foi dada a eles a oportunidade de analisar, comparar e discutir textos, levando-os a perceber a composição do gênero carta de leitor em seus aspectos verbais e não-verbais, mostrando-lhes sua função social e seus propósitos comunicativos, para, em seguida, escrever cartas destinadas à redação do jornal O Diário do Norte do Paraná. Assim, propiciou-se contato com os fatos recentes da sociedade e com textos escritos em registro formal ou semiformal.

Além disso, apresentou-se uma forma concreta de uso da leitura/escrita com função social. Dessa forma, o trabalho foi fundamentado na concepção de linguagem como interação entre usuários e de ensino como trabalho produtivo. A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de criar oportunidades e expectativas de aprendizagens e , fazendo isso, buscar subsídios para que o educando defenda seus direitos, suas idéias e posições O verdadeiro e pleno exercício da cidadania.

Partindo dessas premissas, este estudo pretende preocupar-se com o gênero cartas de leitores em jornais. A fundamentação teórica que norteou o trabalho iniciou-se pelas leituras dos textos de Geraldi (1997), Solé (1998), Kleimam (2004), Bakhtin (1992) e Possenti (1999).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Geraldi (1997), afirma que o conhecimento das categorias textuais e discursivas é fundamental no ensino aprendizagem da língua. As dificuldades de leitura e/ou produção escrita advêm do desconhecimento de uma representação organizada e hierarquizada do conteúdo semântico do texto, da composição textual e de sua adequação discursiva à situação de interlocução. A primeira necessidade de um estudante da língua é compreender que as ações se configuram na sociedade por seus objetivos. As atividades só terão sentido se possuírem a dinâmica sócio-interativa.

Ao levar um texto para dentro da sala de aula, o educando deverá estar motivado a discutir sobre aquele assunto, deverá ter experiências vividas e familiarizadas para com o tema. Eis a tarefa do professor.

Antunes (2003) diz que uma visão interacionista da escrita supõe envolvimento entre sujeitos para que aconteça a comunhão das idéias, das informações e das intenções pretendidas. Interagir em vista de algum objetivo. A escrita é uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal das idéias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém para interagir com ele. Ter o que dizer é uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Caso falem as idéias, também faltarão as palavras.

Toda escrita responde a um propósito funcional, possibilitando a realização de alguma atividade sócio-comunicativa entre as pessoas e com os diversos contextos sociais.

A escrita corresponde a uma modalidade em que a recepção é adiada, pois os sujeitos atuantes não ocupam o mesmo espaço, ao mesmo tempo, o que dá a possibilidade a quem

escreve de elaborar seu texto, rever e recompor o seu discurso, dando a ilusão de que a escrita é bem mais elaborada que a fala.

Geraldi (1997) considera que um outro fato importante na construção do texto é se constituir enquanto sujeito. O aluno precisa saber quem é ele para o seu interlocutor, o que o outro pensa a seu respeito, e o que pensa de si mesmo, qual é a imagem que quer passar a este interlocutor.

Neste trabalho, procurou-se apresentar uma proposta de estudo que desenvolvesse a autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual. O domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação se faz por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades dos alunos. Pretendeu-se ainda criar condições para que os alunos pudessem apropriar-se de características lingüísticas discursivas e de gêneros diversos os quais levassem ao conhecimento, à leitura, a discussões sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos, sua produção escrita e circulação social.

O trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula pressupõe sempre atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão. Devido a isso, a atividade de produção de texto foi iniciada por um módulo didático de leitura.

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, por isso um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão.

Para Marcuschi (2002), há diferenças entre gêneros de texto e tipos de texto. O gênero textual são entidades comunicativas, formas verbais de ação social, relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, sendo usados para se referir os textos materializados e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição. São inúmeros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, receita culinária, bula de remédio, carta eletrônica.

Já tipo de texto é uma seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição, ou seja, os aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas: narração, argumentação, exposição, descrição. O tipo de texto é, em geral, variado e pode conter uma seqüência narrativa, uma argumentação, uma descrição, assim por diante, ou seja, há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais. Entre as características

básicas dos tipos textuais, está o fato de serem definidos por seus traços lingüísticos predominantes.

Tal fato já fora notado por Bakhtin (1992), que falava na “transmutação” dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro, gerando novos. O aspecto central é a nova relação que instauram, possibilitando a redefinição da relação entre oralidade e escrita.

Para o autor, os gêneros são tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. São famílias de textos com uma série de semelhanças, são eventos lingüísticos que se caracterizam enquanto atividades sócio-discursivas são fenômenos sócio-históricos temáticos.

De acordo com Antunes (2003), elaborar um texto escrito envolve várias etapas: planejamento, que implica delimitar o tema, eleger os objetivos, escolher o gênero, delimitar os critérios de ordenação das idéias, prever as condições dos leitores e a forma lingüística; escrita, que corresponde à tarefa de pôr no papel, registrar o que foi planejado, e etapa da revisão e da reescrita, que corresponde ao momento de análise do que foi escrito, confirmar se todos os objetivos foram cumpridos.

O trabalho com gêneros favorece a aprendizagem da escrita, leitura e produção de textos diversos. A carta é um gênero discursivo que, ao longo da história, tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, como agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc.

De acordo com Paiva (2004), a carta surgiu na Grécia antiga e foi utilizada, a princípio, para questões militares, administrativas e políticas, expandindo-se, aos poucos, para propósitos variados.

O gênero carta, em função das necessidades sócio-culturais, deu origem a outros gêneros. A carta do leitor está dentre eles e é da ordem do argumentar, tendo como domínio a discussão de assuntos sociais controversos, visando um entendimento e um posicionamento. Envolve as capacidades de sustentar, refutar e negociar posições, podendo, assim, contribuir no Ensino Médio para a prática pedagógica eficaz, capaz de formar leitores conscientes da realidade circundante, críticos, abrindo-lhes oportunidades de se desenvolverem como cidadãos. Pode ser trabalhada na escola, de forma que se leve em conta sua funcionalidade, sua aplicação útil fora do ambiente escolar, possibilitando, situações de ensino que refletem as circunstâncias reais da comunicação.

Para Pedrosa (2006) um traço que também pode dar definição ao gênero é o contexto. Podemos salientar a importância do gênero carta do leitor como instrumento de divulgação de conceitos, idéias e concepções do leitor sobre determinados assuntos e sua formação social.

Para Silva (2006), a estrutura de uma carta de leitor permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, notícias familiares e outros), o que a fez declarar que, embora sendo cartas, não são da mesma natureza, por circular em diferentes esferas com funções comunicativas diversas. Dessa forma, temos carta pedido, carta resposta, carta pessoal, carta circular, que podem ser consideradas como subgêneros, pois todas têm uma estrutura fixa: a seção contato, o núcleo da carta e a seção de despedida.

A carta de leitor é um instrumento comunicativo que circula tanto em jornais como em revistas, recebendo diferentes nomeações: cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor ou simplesmente carta. Diz respeito a notícias ou reportagens publicadas nesse veículo de comunicação ou solicitações feitas pelos leitores e tem como objetivo divulgar seu conteúdo, possibilitando ao público em geral a sua leitura.

A carta tem de ser enviada, como se diz, no calor da hora. Com a rapidez atual das comunicações, os jornais costumam publicar cartas apenas sobre matérias do dia anterior ou da semana vigente, no entanto, nem toda carta é publicada.

As cartas publicadas passam por uma triagem, sendo muitas vezes resumidas, parafraseadas ou ter informações eliminadas, já que os meios de comunicação dispõem de um espaço limitado para a publicação das cartas do leitor que chegam à redação.

3. DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

Privilegia-se muito a escola como um lugar indicado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas há que se levar em consideração que a leitura e a escrita do mundo real vão além da sala de aula e que é preciso relacionar textos com uma prática que desencadeia uma ação social.

Sendo assim, a indicação do gênero carta de leitor como norteador deste trabalho, desenvolvido em forma de seqüência didática, junto aos alunos do 2º ano do Ensino Médio, justifica-se para a prática de leitura e produção de textos. Nesta parte do artigo, é relatado como foi desenvolvido o trabalho com cartas de leitores. As atividades executadas, a princípio, carta pessoal e, posteriormente, carta de leitor de jornal, tinham como objetivo levar o aluno a desenvolver leitura e interpretação, compreender as idéias levantadas nos textos, distinguir a opinião dos autores, reconhecer o gênero textual carta de leitor, observar argumentos contrários e favoráveis sobre um determinado assunto, além de redigir cartas destinadas à redação do jornal.

No primeiro momento, foram propostas atividades com o objetivo de mostrar as características do gênero carta. Antes da leitura, fez-se as seguintes perguntas oralmente, para levantar o conhecimento prévio dos alunos sobre o texto:

Você sabe o que é uma carta?

Já recebeu ou escreveu cartas?

Qual é o conteúdo de uma carta?

Qual a linguagem utilizada em uma carta?

Existe uma estrutura composicional para esse gênero?

Em seguida, foram orientados a observar, no ato da leitura, que o texto apresentava data, vocativo, corpo do texto, expressão cordial de despedida, assinatura e cidade ou país de origem.

Dando seqüência às atividades, neste momento, os alunos ficaram cientes que a ditadura militar de 1964 seria a temática a ser trabalhada no texto. Foi perguntado se já tinham ouvido falar de Carlos Lamarca. Além disso, foi pedido para que pesquisassem, na Internet, na Barsa ou nos livros didáticos, sobre o Capitão Lamarca e que trouxessem as informações encontradas para a aula seguinte.

No próximo encontro, foi entregue cópias de uma carta pessoal, escrita pelo Capitão Carlos Lamarca a seus filhos (fonte desconhecida), para que fizessem uma leitura silenciosa:

Apresentação do texto

Brasil, 26 de julho de 1969.

Aos meus filhos:

Vivo falando em vocês com os meus companheiros, eles estão longe dos filhos também e falam deles. Um só é o desejo de todos nós, é que nossos filhos sejam revolucionários.

O que é um revolucionário? É toda pessoa que ama todos os Povos, ama a Humanidade, tem uma imensa capacidade de amar, ama a Justiça, a Igualdade. Mas ele tem de odiar também, odiar aos que impedem que o revolucionário ame, porque é uma necessidade amar. Odiar aos que odeiam o Povo, a Humanidade, a Justiça Social. Odiar ao que dominam e exploram o povo; odiar aos que corrompem, ameaçam e alienam as mentes; aos que degradam a Humanidade; aos injustos; aos falsos; aos demagogos; aos covardes.

O revolucionário ama a Paz, faz a guerra como instrumento para a Paz, a Paz Justa, sem exploração do homem pelo homem. O revolucionário tem de ser capaz de todos os sacrifícios pela causa, de até se separar dos filhos para libertar todos os filhos, de se separar dos pais, porque outros pais precisam dele. Quando vocês sentirem saudades de mim, lembrem-se que aqui no Brasil existem muitas crianças que passam fome, que andam descalças, sem escolas, que sofrem e vêem seus pais sofrerem. Lembrem de quando conversei com vocês no quarto e pedi a vocês que deixassem eu lutar para acabar com isso? Eu me lembro bem que a Claudinha bateu palmas e o César disse: “Muito bem, papai”. Combinamos que tínhamos de ficar longe um do outro, que vocês estudariam muito, que ajudariam a mamãe em tudo, e que guardaríamos no coração a esperança de nos encontrarmos novamente.

Vocês são felizes, porque a mãe e o pai são revolucionários e vocês têm de ser também. Amem muito a mamãe, eu não posso beijá-la, todos os dias de manhã beijem duas vezes a ela, uma por mim. Tenho tantas saudades de vocês, mas não choro não, beijo as fotografias, encho o peito de ar e pego firme no meu trabalho. Penso em vocês e em todas as crianças, então ganho forças para lutar. Quando sentirem saudades, então estudem mais, perguntem tudo o que não entenderem, perguntem sempre o porquê das coisas – perguntar e pensar – ver se é certo, se não for, falem, discutam – ver se é justo, se não for, lutem para mudar. Sejam disciplinados, façam somente o que for certo, justo. Ser disciplinado não é ser obediente, quem obedece tudo sem pensar, não presta.

Como vai o treinamento de tiro? Não se esqueçam de colocar algodão no ouvido, e também de olhar sempre pra mira e puxar o gatilho bem devagar. Já mandaram consertar a pistola de ar comprimido?

Espero que vocês pratiquem corrida, natação e todos os jogos. Alimentem-se bem, vocês que tanto gostam de frutas devem estar satisfeitos, aí ninguém passa fome, não tem mendigos, aqui. E aí comeram abacate na salada com sal e azeite? Gostaram?

Como vai o jogo de botão? Você, César, tem ensinado aos meninos? Seguem junto 29 bolinhas de cortiça que fiz treinando a paciência, que eu tinha pouco, é preciso ser paciente, sem ser passivo, é claro.

E você, Claudinha, continua fazendo discursos? Como eu gostava, você vai ser uma grande agitadora.

Cuidem bem dos dentes para que possam mastigar bem. Não se esqueçam de cantar e dançar. O César gosta muito de desenhar e a Cláudia de pintar, procurem praticar bastante, procurem criar, não imitem ninguém.

Não chamem ninguém de senhor, porque ninguém é senhor de ninguém. Mas ouçam os mais velhos e procurem fazer as coisas melhor que eles, porque tudo que é novo é superior ao velho. Respeitem os mais velhos, mas exijam que respeitem vocês – exijam mesmo.

Contei para os companheiros que o Cesinha usava nome de guerra e eles acharam engraçado. Já usei o nome César, mas tive de mudar.

Não sei como acabar essa carta porque é como se estivesse conversando com vocês. Espero receber uma carta de vocês, se não for possível, continuarei pensando muito em vocês.

A maior alegria que vocês podem me dar é aproveitar muito o estudo, preparando-se para fazer a Revolução em qualquer país.

Muitos beijos para a minha esposa querida e meus filhos, com todo amor, cheio de saudades.

Carlos Lamarca

Ousar – Lutar – Ousar – Vencer

(Fonte Desconhecida)

Logo após ter feito a leitura do texto, foi pedido para que os alunos verificassem a linguagem, que aparece de maneira mais pessoal (empregando pronomes e verbos em 1ª pessoa) ou mais impessoal (empregando pronomes e verbos em 3ª pessoa) ou ainda a possibilidade de utilizar os dois tipos de linguagem ao mesmo tempo; maior ou menor impessoalidade, de acordo com intenção do autor (protestar, brincar ou impressionar os leitores, por exemplo). Além disso, foi realizado o estudo do vocabulário da seguinte forma: verificaram-se, oralmente, palavras de difícil compreensão, as quais foram relacionadas no quadro; em seguida, foi solicitado aos alunos que identificassem o significado das palavras pelo contexto. Como alguns não o conseguiram, foi feita busca do significado no dicionário.

A seguir, trabalhou-se com o contexto sócio-histórico: condição de produção e de circulação do gênero e discussão do tema. Para direcionar as tarefas, foram feitas estas perguntas oralmente sobre o texto lido:

- a) O que você achou da carta?
- b) O autor da carta é Carlos Lamarca. Quem foi ele?
- c) Quem são os interlocutores?
- d) Qual é o objetivo da carta?

- e) Em que condições sócio-históricas a carta foi escrita?
- f) A carta que Lamarca escreve é bem realista chega ter conselhos perversos. Você acha que um pai aconselharia um filho assim, em uma outra situação?
- g) Todos os atos praticados por Lamarca nos remetem a um período da ditadura militar. Considerando a pesquisa que você fez e as explicações dos professores a respeito do tema como você definiria a Revolução de 64?
- h) Você entendeu o que é ser um revolucionário? Se tivesse que explicar a alguém utilizando os exemplos presentes nessa carta, como explicaria este conceito?
- i) Para uma classe da nossa sociedade, Carlos Lamarca fora considerado um Herói, para outra um Bandido, um criminoso. E para você? Defenda seu posicionamento.

Na aula seguinte, foram feitas perguntas relacionadas à estrutura composicional do gênero carta:

- a) Que características textuais este gênero apresenta que o faz uma carta? Explique.
- b) A carta é sempre utilizada para correspondência com a família? Somente nesta circunstância?
- c) A linguagem usada nesse texto é adequada ao leitor a que ele se destina?
- d) Há marca de temporalidade na carta? Qual é o tempo revelado? Há mais de um tempo? Por quê?
- e) Como o discurso é manifestado? Em 1ª ou 3ª pessoa?
- f) Há marcas de subjetividade? Quais? Isso acarreta algum sentido à compreensão global da carta?

Dando seqüência às atividades, verificaram-se as características lingüísticas do gênero, pedindo aos alunos que respondessem por escrito estas perguntas:

- a) “Eu me lembro bem que a Claudinha bateu palmas e o César disse: ‘Muito bem, papai’”. Explique o uso das aspas nessa oração.
- b) “Não sei como acabar essa carta porque é como se estivesse conversando com vocês. Espero receber uma carta de vocês, se não for possível, continuarei pensando muito em vocês”. Na linguagem oral, informal, as repetições de expressões são permitidas, mas no discurso escrito, na linguagem padrão, essa repetição é considerada problema de coesão. Identifique as marcas da oralidade presentes na frase.

A partir deste momento, começou-se a trabalhar com exemplares de jornal. Para observar o conhecimento prévio dos educandos, em relação a este meio de comunicação,

especificamente com a Seção Carta de Leitores, foi oportunizado ao aluno contato com o gênero, através de exemplares do jornal O Diário do Norte do Paraná, levados para a sala de aula. Assim, demonstrou-se a importância do gênero como algo autêntico, que possui uma função comunicativa e social e não é produzido para o trabalho em sala de aula. Foi exposto aos alunos o projeto a ser desenvolvido: “Estudo do gênero carta de leitores em jornal”, deixando claro que seria trabalhado o gênero carta do leitor, que é um texto com intencionalidade persuasiva, e que o objetivo seria produzir e enviar cartas para a redação do jornal para publicação, tendo como interlocutores os leitores do jornal.

A sala de aula foi dividida em grupos e foram distribuídos exemplares de jornais para a leitura, de maneira silenciosa, em voz alta e em grupo, de cartas dos leitores. Observou-se, neste momento, a fluência, ritmo, uso de pontuação durante a execução das leituras. Em seguida, foi feito um trabalho para que comparassem:

1. títulos;
2. temas;
3. opiniões;
4. autores.

Discutidas as questões, foi entregue uma cópia da carta de leitor abaixo, apresentando o conteúdo temático, caracterizando-se como um problema social nos grandes centros urbanos.

Flanelinhas

Os flanelinhas estão cobrando R\$ 5 para ‘cuidar’ dos carros no cemitério. Em 2008, provavelmente cobrarão R\$ 10 para facilitar o troco. Isso só vai acabar quando os motoristas deixarem de pagar. Ninguém é obrigado a fazê-lo, pois não existe legislação que ampare o ofício de ‘cuidador de carros’. Colhemos o que plantamos. Alguém semeou a primeira semente e antes que pudesse colher e analisar os resultados, outros o haviam copiado.

Tem flanelinhas nas ruas, porque há pagantes; têm prostitutas nas praças, porque tem quem usa os serviços; têm vendedores de drogas, porque há usuários; tem larápios com cargos políticos, porque há eleitores para elegê-los; têm servidores públicos corruptos, porque há corruptores. Temos até um molusco na presidência, com risco de chegar ao terceiro mandato consecutivo, com o nosso aval.

Um presidente que não sabe de nada, nunca visto na história do Brasil. Já que falei em molusco, as lesmas alimentam-se de grande variedade de plantas, na calada da noite, devorando tanto as raízes quanto a parte aérea, deixando rastro de mucos por onde passam. Qualquer semelhança entre o presidente e a conduta dos flanelinhas, que rastejam de um carro a outro, de olho na planta, aliás, no motorista, é mera coincidência.

Maria Célia Resende Zanatta – Servidora Pública – Maringá – 02.11.2007 – O Diário

No primeiro momento, foi realizado o estudo do vocabulário, verificando oralmente palavras de difícil compreensão, relacionando-as no quadro e buscando o significado no dicionário.

Posteriormente, foi trabalhado o contexto sócio-histórico: condições de produção e de circulação do gênero e discussão do tema, usando perguntas para orientar a atividade:

- a) Esta carta apresenta uma introdução? Ela tem o mesmo objetivo da carta escrita por Lamarca? Qual é seu objetivo?
- b) O que a carta do Lamarca e a do jornal possuem em comum?
- c) O que eles possuem de diferentes?
- d) Qual a diferença fundamental entre a carta pessoal e a carta do leitor?
- e) Qual o objetivo de alguém quando envia uma carta para um jornal?
- f) Quem é o autor desta carta?
- g) Qual é o objetivo desta carta?
- h) A carta chama a atenção do leitor? Por quê?
- i) Qual a diferença entre os flanelinhas e o Presidente?
- j) Você sabe o que é um Servidor Público?
- k) O título representa a idéia principal do texto? O que o texto defende?
- l) O texto apresenta aspectos sociais, políticos e econômicos? A autora é convincente ao expor suas idéias?
- m) Qual o motivo apontado pela autora para o surgimento e permanência dos flanelinhas nas ruas?
- n) Você concorda com o motivo apresentado pela autora? Justifique sua resposta.
- o) A autora afirma: “Tem flanelinhas nas ruas, porque há pagantes; têm prostitutas nas praças, porque tem quem usa os serviços; têm vendedores de drogas, porque há usuários; tem larápios com cargos políticos, porque há eleitores para elegê-los; têm

servidores públicos corruptos, porque há corruptores”. Você concorda com essa afirmação? Apresente argumentos que justifiquem sua resposta.

Para dar continuidade ao trabalho, foi verificada a estrutura composicional e usadas questões abaixo para orientar o trabalho:

- a) Certamente, em diversas situações de sua vida, foi pedido a você que argumentasse a favor de alguma coisa ou contrário a ela. Mas o que é argumentar?
- b) Como a autora construiu sua argumentação para convencer aqueles que lêem o jornal, sobre sua opinião.
- c) Que argumentos ela usa?
- d) O que o uso das aspas indica no texto?
- e) O discurso é apresentado em 1ª ou 3ª pessoa?
- f) A linguagem usada no texto é adequada ao leitor a que se destina?

Neste momento, os alunos puderam fazer uma visita à redação do Jornal O Diário do Norte do Paraná. . Na aula seguinte, foram contemplados com uma palestra ministrada pela advogada e assistente social Maria Célia Zanatta, autora da carta de leitor estudada no início deste trabalho. A referida leitora recebeu homenagem de O Diário por ser caracterizada como uma leitora-repórter, devido às inúmeras participações, sendo uma das mais atuantes. A assistente social deu dicas de leituras, temas, argumentações e outras idéias que muito contribuíram com o desenvolvimento do projeto.

Retomando as atividades, foram apresentadas cópias de fragmentos de cartas com o mesmo tema, para proporcionar ao aluno possibilidade de ampliar os conhecimentos adquiridos, através da leitura e discussão das idéias apresentadas pelos autores, visando à formação do leitor crítico.

CARTA 01: Flanelinhas

Ao consultar a relação das profissões regulamentadas no Brasil, não vi nada com relação aos flanelinhas ou algo do gênero. Portanto, não é profissão, e não sendo profissão, passa a ser “vadiagem”. Nenhum cidadão pode cobrar o outro pelo uso de via pública. E se no momento que o flanelinha danifica nosso veículo, reagirmos com o uso de qualquer força, seremos nós os errados, e não ele.

Fernando Martins - Funcionário público federal – Maringá (07.10.2007) – O Diário

CARTA 02: Flanelinhas

Concordo 100% com o leitor e colega Fernando Martins em relação aos flanelinhas (Opinião, 7/10/2007, p.A2). Porém, nada poderá ser mudado se a população maringaense não for capaz de negar os “serviços” prestados por esses “trabalhadores”. Não concordo em pagar o que eles pedem e muito menos não me intimido em negar R\$ 0,10; R\$ 0,50 ou R\$ 1 que seja a este tipo de serviço, custe o que custar. Valorizo o meu dinheiro e se não fizer a minha parte, quem irá fazê-la? Não podemos nos intimidar. Jamais!

Luciane Unt - Funcionária pública – Maringá (09.10.2007) - O Diário.

CARTA 03: Novo tipo de flanelão

Chegamos ao cúmulo de os flanelões reservarem vagas com tambores. Ao transitar pela Avenida Tamandaré, deparei com uma vaga ocupada por um tambor, madeira ao seu redor e uma garrafa de água para saciar a sede do flanelão que, portando pochete e celular, insistia, gesticulando e apontando para a referida vaga, para que lá eu estacionasse. Parei e perguntei: “Para quê o tambor?” Ele disse que guardava a vaga, e por R\$2,00 eu poderia estacionar por tempo indeterminado e caso houvesse interesse, removeria o tambor. Tomara que a moda não pegue. Se as autoridades não tomarem medidas a respeito, continuaremos reféns desses folgados, que faturam mais de R\$ 1 mil por mês sem esforço, apenas fazendo pressão e praticamente obrigando-nos a “colaborar”, sob pena de ter o veículo danificado.

Antonio Barbatto - Representante comercial – Maringá (17.10.2007) – O Diário

Após a leitura das cartas, trabalhou-se o contexto sócio-histórico: condições de produção e de circulação do gênero e discussão do tema. Foram feitos os seguintes questionamentos aos alunos:

- a) Após ler essas cartas, você diria que elas têm algo em comum? O quê?
- b) As cartas apresentam informações sobre seus remetentes (nome, profissão, cidade). Você saberia explicar o porquê?
- c) “Portanto, não é profissão, e não sendo profissão, passa a ser ‘vadiagem’.” (Carta 1). E para você flanelinha é uma profissão ou é vadiagem? Apresente argumentos que justifiquem sua resposta.
- d) “Parei e perguntei: ‘Para quê o tambor?’ Ele disse que guardava a vaga, e por R\$ 2,00 eu poderia estacionar por tempo indeterminado e caso houvesse

interesse, removeria o tambor.” (carta 03). Por que esse trecho entre aspas foi publicado dessa forma?

Em seguida, foram entregues cópias de cartas de leitores com temas diferenciados para que os alunos pudessem observar que as mesmas apresentam propósitos diversos, como:

- a) comunicativos
- b) opinativos
- c) agradecimentos
- d) reclamação
- e) solicitação
- f) elogio
- g) críticas

CARTA 01: Irregularidades no trânsito

Quero tornar pública a minha indignação com ocorrências no trânsito em nossa cidade. Primeiramente, é a respeito do uso de estacionamento de contêineres para depósito de entulhos, na Avenida Horácio Racanello Filho. Se ali é proibido estacionamento de veículos, por que não é também para contêineres?

O segundo caso, que no meu entender é mais grave, é a prerrogativa dada pela Prefeitura de Maringá pra seguranças particulares modificarem o trânsito na Avenida Mauá, nas imediações da Rodoviária Nova, numa quadra onde funciona uma igreja, nos domingos à noite.

É inadmissível que particulares, a seu bel-prazer, dêem sentido a uso de avenida. Acho interessante que nossas autoridades cumpram com um dever que é todo seu!

Umberto dos Reis Silva – Motorista, estudante – Maringá – 21.11.2007 – O Diário.

CARTA 02: Winifred e Odwaldo Buenno

Agradeço em nome de nossa família os comentários sobre meus avós (Winifred Ethel Buenno e Odwaldo Buenno Netto) e o livro de minha avó (Winifred), que é um best-seller e que caiu no gosto da população de São Paulo. A segunda edição do livro “Quando o amor transpõe o oceano” vendeu somente nas máquinas de venda de livros de São Paulo cerca de 2,5 mil unidades no primeiro mês de venda, graças ao boca-a-boca que se espalhou pela cidade. Estou reescrevendo o livro, preparando a quarta edição, contando um pouco mais da história destas apaixonantes criaturas, a vovó Winnie e o avô Odwaldo, carinhosamente conhecido

entre os netos como “vô bronca”, pois, apesar de toda a sua simpatia e de ser uma pessoa supercativante, não dava mole e não aliviava para ninguém.

Fabio Bueno Netto - Médico, editor – São Paulo – 19.10.2007 – O Diário.

CARTA 03: Arautos do Evangelho

Esses Arautos do Evangelho são especialmente cativantes quando falam das coisas de Deus, tocam ou participam de cerimônias litúrgicas. Há um toque especial de luz e muita paz com a presença deles. Acho que Maringá foi feliz com essa iniciativa. E o jornal O Diário sempre à frente a noticiar.

Eurico Monteiro – Engenheiro civil – Mairiporã (SP) - 21.11.2007 – O Diário

CARTA 04: Chega de matança no CCZ de Maringá

Quero manifestar meu repúdio à matança de animais saudáveis no centro de Controle de Zoonoses (CCZ) de Maringá. Engana-se a coordenadora do CCZ, Marilda Fonseca de Oliveira, quando afirma que não fere nenhuma lei ao praticar este extermínio de animais. A Lei de Crimes Ambientais assegura que é crime praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais.

Se a Prefeitura de Maringá seguisse corretamente as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), que recomenda a esterilização (castração) de animais para o controle populacional de cães e gatos, o problema seria melhor resolvido. Estes animais também deveriam ser identificados por chip ou tatuagem.

João Manoel Aguilera Junior – Campinas (SP) – 25.11.2007 – O Diário

Após a leitura das cartas, foi solicitado aos alunos que verificassem quais as características comuns e as diferenças entre elas.

Com o objetivo de se produzir um texto com as características do gênero carta de leitor, nesta atividade, os aprendizes tiveram como interlocutores, de início, a própria turma e a oportunidade de mobilizar as capacidades desenvolvidas neste caminho sobre o gênero estudado, além de lhes permitir a descoberta do que já sabiam fazer e conscientizar-se do que ainda precisavam aperfeiçoar.

Neste momento, foram entregues cópias de várias reportagens publicadas no Jornal O Diário do Norte do Paraná, privilegiando o contexto político e social e, também, contemplando uma temática diversificada, para que os alunos tivessem embasamento, maior conhecimento de mundo e visão crítica dos assuntos abordados. Para isso, a sala foi dividida

em grupos, para que houvesse leitura silenciosa, discussão referente aos temas, troca de idéias. Posteriormente, cada aluno escolheu o tema com o qual mais se identificou e produziu seu próprio texto individualmente. Algumas orientações se fizeram necessárias, como ressaltar que deveriam planejar a escrita do texto, levar em consideração sua finalidade, mobilizar os conhecimentos que haviam adquiridos em sala em relação ao tema, observar o tipo de linguagem e os recursos necessários para alcançar a finalidade que estavam buscando com a escrita.

Assim, logo que foi feita à produção, foi aberto espaço para oportunizar os alunos que quisessem expor seu texto aos demais. Alguns leram suas cartas em sala, para que, na interação professor/aluno, fossem observadas as capacidades e os problemas que precisariam ser sanados. Pondo em prática os conteúdos estudados, os textos foram recolhidos pelo professor, revisado e devolvido aos alunos para as devidas adequações e reescrita, sendo selecionados recursos lingüísticos adequados à situação comunicativa e ao gênero carta de leitor.

Após a refacção dos textos, cada aluno enviou sua respectiva carta, por meio de e-mail particular, à redação do jornal O Diário do Norte do Paraná, para prováveis publicações.

Ao final deste trabalho, foram publicadas 30 cartas, sendo que vários leitores interagiram com os alunos, comentando as opiniões, concordando, discordando ou parabenizando os educandos pela participação, pelo interesse em assuntos sociais e por estar exercendo o direito de cidadão. Um leitor, simpatizante do projeto, criou um blog para divulgar na internet as cartas publicadas no jornal.

Pode-se observar uma forma concreta da utilização da linguagem e da modificação do meio social, tendo em vista que, em uma das cartas, o aluno mostrava-se indignado com o descaso da Prefeitura Municipal frente aos problemas do trânsito com a Avenida que passa em frente ao Colégio, causando atropelamentos e mortes. Providências foram tomadas, visto que se colocaram redutores de velocidade, pardais eletrônicos, faixa de pedestres.

Além disso, foi feita uma retomada das questões que pareceram mais relevantes para a compreensão da organização discursiva das cartas de leitores. Buscou-se acentuar a questão do processo de reescrita pelo qual as cartas passam quando de sua publicação.

Houve alguns pontos negativos durante o desenvolvimento do projeto. O primeiro deles ocorreu no momento em que houve os alunos sentiram a necessidade de ter a disposição, na biblioteca da escola, exemplares do jornal. Representantes do Grêmio Estudantil redigiram uma carta à Direção da Escola, solicitando uma assinatura anual do jornal O Diário do Norte do Paraná, mas, o pedido foi negado. O segundo empecilho surgiu

quando os alunos precisaram fazer um cadastro no site do jornal e criar um e-mail. Muitos não tinham acesso ao computador e foi solicitado à Direção do Colégio que disponibilizasse o laboratório de informática para a realização do trabalho, o que também foi negado, alegando-se que não estava disponível aos alunos, porque, da última vez que o laboratório foi utilizado, um *mouse* desapareceu durante a aula. Os alunos precisaram ir à casa de um colega ou a uma *Lan House*, provocando demora no envio das cartas e a sua provável não publicação, visto que o assunto ficou desatualizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os alunos que participaram deste trabalho, o saldo foi, certamente, positivo, uma vez que passaram a encarar os textos como objetos culturais e, portanto, manipuláveis; puderam aprender a reconhecer o gênero textual carta de leitor, bem como compreender a importância dos meios de comunicação; observar os argumentos contrários e favoráveis sobre determinado assunto; reconhecer e praticar a linguagem padrão, redigindo cartas de leitores. As aulas serviram de espaço para a leitura e a escrita, em sentido profundo, contribuindo, dessa forma, para a formação de cidadãos conscientes de seu papel histórico.

A linguagem foi usada como forma de interação e a língua como um objeto heterogêneo. O texto foi eleito como ponto de partida e de chegada das atividades desenvolvidas. Além disso, a leitura e a produção de textos apresentaram-se como atividades fundamentais do ensino-aprendizagem. Num processo dinâmico, os alunos aprenderam a construir seu próprio conhecimento e sua interpretação de mundo. A escrita é significativa, por basear-se em propostas reais que permitem ao aluno sentir-se motivado a escrever, já que tem uma razão real para fazê-lo, pois possui um interlocutor interessado naquilo que tem a dizer e em sua forma particular de expressar-se.

Foram estabelecidas como atividades fundamentais do ensino-aprendizagem de língua materna a leitura e a produção de textos, ligadas a práticas sociais construídas historicamente e socialmente. Tais leituras aqui direcionadas aos alunos da segunda série do ensino médio prestaram-se, dessa forma, à análise das formas de sentido do texto.

O objetivo deste artigo foi apresentar uma proposta de abordagem do texto que considerasse suas especificidades e os pré-requisitos necessários para lê-lo, auxiliasse a formação do leitor crítico, privilegiando atividades em que os educandos pudessem chegar a conclusões a partir de textos que os levassem à observação de fatos e situações e da

formulação de hipóteses. O trabalho com cartas de leitores em jornais abriu espaço à curiosidade, à criatividade, à capacidade de observação dos alunos e foi de extrema relevância quando se considera o papel desse gênero textual: refletir a opinião dos leitores diante das matérias publicadas e diante dos grandes temas da atualidade.

Diante do quadro apresentado, podemos concluir que, num processo dinâmico, os alunos aprenderam a construir seu próprio conhecimento e sua interpretação de mundo. Fizeram denúncias, reivindicações reais, por meio da escrita, e que surtiram efeitos positivos. Sendo assim, o aluno melhor dominou e apreciou o gênero após utilizá-lo numa situação real de comunicação fora da escola. A escrita foi empregada de forma significativa, por basear-se em propostas reais que permitiram ao educando sentir-se motivado a escrever, já que tinha uma razão real para fazê-lo, possuía um interlocutor interessado naquilo que tinha a dizer e em sua forma particular de expressar-se. Sedimentou-se, assim, a imagem de utilidade das aulas de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GERALDI, João Wanderley. A produção de textos. In: GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- MARSCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PAIVA, V.L.M.O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Orgs.). *Hipertextos e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.68-90.
- PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Gênero textual: uma jornada partir de Bakhtin*. *Cadernos do CNLF*, v. X, n. 03. Rio de Janeiro, 2006.
- POSSENTI, Sírio. *Sobre as relações entre discurso e texto*. 1999. Circulação interna.
- SILVA, Antonieta Emanuelle Santos. Cartas do leitor: atividades para o ensino médio. *Interdisciplinar*, v. 2, n. 2, p. 13-20 – jul./dez de 2006.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre. Artes Médicas: 1998.